

Diná Maria Mendonça



**ESTUDO DE UM TERMO DA GÍRIA DA TABATINGA E SUAS
POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Diná Maria Mendonça

**ESTUDO DE UM TERMO DA GÍRIA DA TABATINGA E SUAS
POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Prof. Willi de Barros Gonçalves

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Mendonça, Diná Maria, 1966-

Estudo de um Termo da Gíria da Tabatinga e suas possibilidades pedagógicas no Ensino de Artes Visuais: Especialização em Artes Visuais /Diná Maria Mendonça. Bom Despacho, 2015.

43 f.

Orientador (a): Willi de Barros Gonçalves

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Gonçalves, Willi de Barros, orientador. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.



**Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada ***Estudo de um Termo da Gíria da Tabatinga e suas possibilidades pedagógicas no Ensino de Artes Visuais***, de autoria de Diná Maria Mendonça, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Willi de Barros Gonçalves- Orientador

Profa. Eliette Aparecida Aleixo

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e por ter me dado a oportunidade de ter nascido em uma família maravilhosa e por conhecer pessoas especiais.

RESUMO

Este trabalho apresenta *Estudo de um Termo da Gíria da Tabatinga e suas possibilidades pedagógicas no Ensino de Artes Visuais* como técnica mediadora para aprendizagem de ensino de desenho e pintura em escolas de Ensino Fundamental. Através da linguística e dialetologia aplicada à disciplina essa intervenção possibilitou aos alunos conhecimentos de palavras do vocabulário africano: “A Gíria da Tabatinga” como é conhecida, e utilizada por alguns falantes e do uso por comerciantes que nomearam seus estabelecimentos comerciais com verbete de acordo com o Dicionário do Dialeto. Com objetivo de incluir os educandos nessa linguagem através da mediação como professora pesquisadora em Artes Visuais, dos marcos urbanos espalhados em Bom Despacho, uns conhecidos outros não; que muitas vezes passam despercebidos, por falta de informação. Foram relacionados os verbetes utilizando como métodos as imagens visuais; fotografias e referência bibliográfica interagindo assim a vivência cultural e social; teoria e praticas artísticas da palavra composta Conjolo no sentido de lar. O resultado foi satisfatório de acordo com a metodologia utilizada e produto final das práticas artísticas de desenho e pintura produto final e os conhecimentos adquiridos da dialética, permitindo ao educando um novo olhar.

Palavras-chave

Educação; Linguística e Dialetologia aplicada ao Ensino de Arte Visual; Ensino de desenho; Ensino de Pintura.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Vocabulário 1 referência (CARDOZO, 2009. p.27)..... | 16 |
| Figura 2 - Vocabulário 1A referência (CARDOZO, 2009. p.28) continuação..... | 17 |
| Figura 3 - Vocabulário 1B referência (CARDOZO, 2009.p.29) continuação..... | 18 |
| Figura 4 - Vocabulário 2 referência (COUTO, 2011. p.110)..... | 19 |
| Figura 5 - Vocabulário 3 referência (QUEIROZ, 1998. p.118)..... | 20 |
| Figura 6 - Vocabulário 3A referência (QUEIROZ, 1998. p.119) continuação..... | 21 |
| Figura 7- Apresentação dos verbetes aos alunos do 3º e 4º ano..... | 22 |
| Figura 8 - Alunos do 3º e 4º ano do ensino fundamental recebendo a explicação sobre palavras da gíria da Tabatinga e sua importância para a cultura local..... | 26 |
| Figura 9 - Alunos do 3º e 4º ano dando início as atividades de desenho..... | 26 |
| Figura 10 - Alunas do 3º ano já desenvolvendo atividade de pintura | 27 |
| Figura 11 - Imagem da fachada loja Conjolo das Artes | 28 |
| Figura 12 - Reprodução dos alunos Conjolo das Artes..... | 29 |
| Figura 13 - Reprodução dos alunos Conjolo de Granjão..... | 29 |
| Figura 14 - Reprodução dos alunos Conjolo Cambuá..... | 30 |
| Figura 15 - Reprodução dos alunos Conjolo Cambuá..... | 30 |
| Figura 16– Conjolo Cambuá foto (Dênio)..... | 30 |
| Figura 17 - Imagem Conjolo Camunim..... | 31 |
| Figura 18 - Reprodução dos alunos Conjolo Camunim..... | 31 |
| Figura 19 – Conjolo Conf-Conf foto (Dênio)..... | 31 |
| Figura 20- Reprodução dos alunos Conjolo Conf-Conf..... | 32 |
| Figura 21 - Reprodução dos alunos Conjolo Gamberela..... | 32 |
| Figura 22 - Reprodução dos alunos Conjolo Gamberela..... | 32 |
| Figura 23 - Reprodução dos alunos Conjolo Gamberela..... | 33 |
| Figura 24 - Reprodução dos alunos Conjolo de Granjão..... | 33 |
| Figura 25 - Reprodução dos alunos Conjolo de Granjão..... | 33 |
| Figura 26 - Igreja Cruz do Monte foto (Dênio)..... | 34 |
| Figura 27 - Reprodução dos alunos Conjolo Matuaba..... | 34 |
| Figura 28 - Reprodução dos alunos Conjolo Matuaba..... | 34 |
| Figura 29 - Reprodução dos alunos Conjolo Matula..... | 35 |

| | |
|---|----|
| Figura 30 - Reprodução dos alunos Conjolo Tiproque..... | 35 |
| Figura 31 - Imagem produtos do Conjolo Mavero..... | 35 |
| Figura 32 - Reprodução dos alunos Conjolo Mavero..... | 36 |
| Figura 33 - Reprodução dos alunos Conjolo Mavero..... | 36 |
| Figura 34 - Reprodução dos alunos Conjolo Urunanga..... | 36 |
| Figura 35 - 7º Batalhão de Policia Militar Foto (Dênio)..... | 37 |
| Figura 36- Reprodução dos alunos 7º Batalhão de Policia Militar | 37 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| CAPÍTULO 1 | |
| A Dialetologia e seus usos na Cultura local | 10 |
| CAPÍTULO 2 | 14 |
| O uso metodologia na variação de significados da palavra Conjolo | 14 |
| Plano de Aula | 16 |
| CAPÍTULO 3 | 19 |
| Os Marcos Urbanos e as reproduções dos alunos com ensino de desenho e pintura | 20 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 30 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 32 |
| APÊNDICE | 41 |

INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho foi uma investigação sobre a minha prática como pesquisadora do dialeto local, e atuação como professora de Arte no processo de ensino-aprendizagem com técnicas de pintura e desenho. O principal produto do foi à construção de um painel em pintura guache, ilustrado com uma das palavras de um Dicionário da Gíria da Tabatinga, bairro da cidade de Bom Despacho – MG, e sua possibilidade para o Ensino de Arte visuais na cultura local. Foram apresentadas a alunos na faixa etária de 06 a 13 anos as palavras mais usadas que compõem o dicionário. A principal palavra trabalhada foi “CONJOLO”, que significa casa com paredes; lar.

Oportunizando ao professor através de práticas pedagógicas no ensino de Artes Visuais as possibilidades de ilustrar a palavra em destaque e suas variações de significados na cultura local.

Foram desenvolvidos procedimentos reflexivos envolvendo teoria e prática no âmbito da disciplina Artes, trabalhando o ensino/aprendizagem com Ilustrações fundamentadas na língua do “Negro da Costa”, como a Gíria da Tabatinga ainda é conhecida por muitos dos falantes residentes no bairro Tabatinga,

A metodologia utilizada objetivou que os alunos analisassem os significados de imagens dos marcos urbanos e estabelecessem relações entre a atividade de artes visuais e elementos da cultura local presentes e do seu cotidiano.

Ocorreu também uma discussão sobre palavras que não faziam parte dos dicionários adotados como referência (CARDOZO, 2009); (COUTO, 2011) e (QUEIROZ, 1998), o que contribuiu para sua ampliação.

Em seguida foi proposto aos alunos um olhar subjetivo, individual, para retratar a palavra Conjolo através do contato visual com fotos, gravuras e por meio de uma introdução teórica de cada palavra. As atividades envolveram também contação de histórias sobre os marcos urbanos estudados e a partir das imagens apresentadas foram solicitados a desenhar e refletir sobre a representação do espaço urbano de Bom Despacho.

CAPITULO 1: A DIALETOLOGIA E SEUS USOS NA DA CULTURA LOCAL

O objetivo principal do presente trabalho é investigar a prática do professor de Arte no processo de ensino-aprendizagem com as técnicas de pintura e desenho. Propõe-se a construção de um Dicionário em pintura guache, ilustrado com uma das palavras do Dicionário da Gíria da Tabatinga - bairro da cidade de Bom Despacho, MG e suas possibilidades para o Ensino de Artes Visuais na cultura local.

Se pararmos para observar, notaremos que o desenho está presente em todo lugar, em todos os objetos que nos cercam, sejam nas nossas roupas, nas ruas, nos prédios, em tudo. Assim o desenho como instrumento na metodologia de ensino nos faz interagir com reproduções das imagens visuais da palavra Conjolo oportunizando o educando uma forma de comunicação de maneira estruturada e prazerosa sua comunicação com o mundo.

Apresenta Carneiro (2001)

“O desenho é provavelmente a forma de expressão que sintetiza melhor a nossa relação com o mundo. Ele permite-nos, com a elaboração mental, o desenvolvimento de ideias e a descoberta do que ainda desconhecemos de nós mesmos.” (Carneiro, 2011. p.34)

Para mediar os conhecimentos sobre ilustração de palavras utilizadas na cidade de Bom Despacho, no dialeto da Tabatinga foi feita uma pesquisa da utilização da imagem como possibilidade de ensino aprendizagem em artes visuais, com alunos da faixa etária de 06 a 13 anos com práticas e reflexões teóricas da realidade.

Foram apresentadas aos alunos as palavras mais usadas que compõem um Dicionário ilustrado com imagens visuais: – aquele em que através da nossa concepção mental, nos remete a reflexão de imagens expressivas. (Dicionário, 2015)

Foi definida a palavra para realizar a atividade: “CONJOLO”, que significa casa com paredes; no sentido de lar. Existem diferentes especificações de “Conjolos”, mas cada um tem sua particularidade e importância no contexto da Gíria da Tabatinga. Oportunizando as crianças esse conhecimento.

Como pesquisadora do tema, busquei imagens para fundamentar e aprofundar essa intenção de construção do dicionário visual, com o objetivo de

disseminar palavras utilizadas na cidade que ainda são desconhecidas por muitas pessoas, através de técnicas de pinturas e desenhos, retratando a palavra “Conjolo” em sua forma composta, conjugando ideias e práticas.

É importante essa identificação das crianças desde já com palavras do dialeto que expressam e fazem parte do patrimônio imaterial de Bom Despacho, de acordo com a lei que representa essa diversidade cultural e reconhece a língua como patrimônio imaterial de Bom Despacho (Lei nº 2.419, de 13 de junho de 2.014).

A proposta no ensino de Arte Visual é ampliar a interpretação do mundo das ideias de acordo com a “linguagem das imagens” e mediar os conhecimentos a respeito da ilustração das palavras e suas variações de uso, valorizando a disciplina Artes dentro e fora do âmbito escolar, abrangendo o dialeto africano existente no bairro da Tabatinga pertencente à cidade de Bom Despacho.

A língua da Tabatinga é uma gíria afro-brasileira. Pode ser entendida como um código secreto de comunicação entre os negros que lá se situavam. De acordo com (Queiroz, 1998. p.59) “A gíria da Tabatinga era falada nas antigas senzalas das fazendas do interior de Minas Gerais. Com ela os escravos podiam se comunicar livremente sem o patrão entender o que diziam. A língua libertava.”.

Explica (Petter, 1998. p.25): “a língua introduzida na região de Bom Despacho era uma língua secreta, para que os senhores brancos não compreendessem o que os negros falavam entre si.”.

Antigamente a Tabatinga era a única rua que existia perto do Riacho do Germano, onde só era mato. Assim que foi aberta, ela recebeu esse nome por causa de um barro bem branquinho que ali existia, o qual era utilizado para barrear as casas que lá havia, e as que viriam a surgir no bairro.

A palavra escolhida para ser investigada nesta pesquisa foi “Conjolo” porque dentre todas, para mim, foi aquela que mais definiu o comércio local de Bom Despacho, devido aos diversos pontos encontrados na cidade, a padaria “Conjolo Conf-Conf”, situada no bairro da Tabatinga, por exemplo. Para as crianças desde já é importante saber a importância do “lar”, de um modo simples, mas que de certa forma, por si só já diz muito. E uma vez que estas se depararem com nomes diferentes, tenham o interesse de buscar um significado para além.

Eu morava no Distrito do Mato Seco pertencente à cidade de Bom Despacho, então logo após o ensino fundamental vim estudar na cidade e ao conversar com

algumas pessoas me deparava com a seguinte pergunta: “Sabia que em Bom Despacho fala-se uma língua que não é português? e sim uma gíria utilizada pelos escravos!” Ouvia e ficava sem entender, ou porque a prosa era curta ou porque meu tempo era pouco, outras vezes nem dava pra prestar atenção, pois achava que não tinha nenhuma significância para mim e deixava para lá. O tempo se passou, então em 2012 quando me pediram para nomear a Biblioteca do SESC da unidade de Bom Despacho onde trabalho atualmente, eu tive a idéia de sugerir “Dona Fiota”, nome este que ficou conhecida à senhora Maria Joaquina da Silva (05/03/1928 - 02/02/2012). Muitas vezes ouvira falar dela, única professora do dialeto que se aprendia de forma oral na faixa etária de 10 anos, e que apesar de Dona Fiota não ter estudado, ensinava e tinha orgulho de dizer que: “não tinha a letra, mas tinha a palavra”.

O dialeto da Tabatinga sempre ocorreu pela transmissão da linguagem oral, não se preocupando por ora com a forma escrita.

Dona Fiota ensinava oralmente, o que facilitava a transmissão do dialeto que aprendeu com a mãe, eu fiquei curiosa e resolvi pesquisar um pouco sobre essa língua. Comecei então a ler artigos na internet. Procurei a Biblioteca Municipal, na seção da hemeroteca referente ao dialeto, com recortes de publicações em jornais da cidade, do Estado de Minas, o livro Pé Preto no Branco de Sônia Queiroz (QUEIROZ, 1998.), que é um suporte fundamental para o registro da língua, propriamente.

Em setembro de 2014, entrevistei Felipe Cunha Azevedo e Tânia Nakamura, pesquisadores da Secretaria de Cultura de Bom Despacho que conheceram Dona Fiota e também conhecem o dialeto (vide Apêndice p.41). Assisti a um programa de televisão chamado Viação Cipó (AZEVEDO, 2015) e também uma reportagem no Jornal Integração (DANTE, 2011), sobre a língua. Então passei a ser uma pesquisadora e como foi aceito o nome sugerido para a biblioteca, tive a oportunidade de estudar Artes Visuais. Logo, surgiu um incentivo a mais para divulgar esse dialeto como professora atuante no ensino e aprendizagem das Artes Visuais, foi proposta a coordenação do projeto (PHE) Projeto de Habilidades de Estudo que funciona como um contra turno escolar dividido por faixa etária em 05 turmas com professoras que atende com alunos de 06 a 12 anos; uma atividade da extracurricular sobre verbetes do dialeto da Tabatinga com o objetivo de divulgar

mais a biblioteca e associar o marco urbano existente e sua relação com o nome “Biblioteca Dona Fiota”. No PHE as professoras priorizam “o para casa”. São acrescentadas outras atividades de esporte, saúde e a biblioteca semanalmente com atividades de hora do conto, leitura de livros, gibiteca e oficinas diversificadas. Então como professora de Artes Visuais reuni alunos das 5 professoras com faixas etárias diferenciadas com uso de imagens e referência bibliográfica apresentei termos que compõem o dicionário da língua e em seguida foi produzido um termo ilustrado com as crianças, retratando a palavra em destaque “Conjolo” com o uso do desenho e da pintura.

Como sintetiza Pimentel:

“Arte além de ser um modo de pensar e chegar a produções inusitadas e estéticas propõe novas formas de ver o mundo e de apresentá-lo com registros diferenciados. Também é uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político” (Pimentel, 1995 p. 24).

As variações de significados permitem práticas artísticas diferenciadas com educandos no ensino de desenho e pintura.

Podemos considerar que:

“Toda imagem nos remete a algum significado. É como se desde pequenos educássemos a nossa visão para automaticamente darmos sentido a aquilo que vemos, através de formas, linhas, cores e outros. O desenho é um processo complexo que envolve imaginação, realidade cotidiana, figuração e tem como mediação a palavra. Opção por uma teoria direciona as ações do docente em sala de aula e com base nela o desenho vai ser focalizado”(Ferreira, 2001 p.151).

Ensina Tosta:

“A educação visual deve considerar a complexidade de uma proposta educacional que leve em conta as possibilidades e os modos pelos quais os alunos transformam seus conhecimentos de arte, ou seja, o modo como aprendem, criam, desenvolvem-se e modificam suas concepções de arte.” (TOSTA 2008 p.65).

Como objetivo, tive o intuito de mostrar aos alunos as gravuras que se referiam à palavra “Conjolo” para que estes, ao se depararem com a linguagem do vocabulário da Tabatinga pudessem assimilar a imagem com o contexto.

As atividades artísticas de desenho e pintura seguem etapas bem definidas e articuladas. E apesar de ter sequências pré-estabelecidas pode ser adaptada e fazer relação com a realidade do aluno. Porque dentro de um grupo de estudo, além dos

textos expostos para leitura e discussão cada participante traz sua experiência vivida para sala de aula.

Mesmo que o professor proponha uma atividade, ele não pode prever o resultado final, porque não há como manipular e definir o que o aluno irá expressar, já que cada um age de maneira singular e nos surpreende principalmente com intervenções artísticas. Como aponta

(FREIRE, 2001. p.39) na Carta aos Professores afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra haja vista que toda leitura é influenciada pela experiência de vida do leitor. Desta forma quanto maior for o "conhecimento de mundo" maior a apreensão de novos conhecimentos.

Se o educando atribuir o significado linguístico apresentado no vocabulário associado às imagens visuais dos marcos urbanos disponibilizados ele fará melhor compreensão conforme a sua contextualização social e o nível de cognição alcançado.

A língua como patrimônio imaterial e como recurso didático pedagógico possível para o ensino de artes visuais nos permite com esse projeto, trabalhar com as crianças difundindo palavras do idioma africano na nossa cultura, contribuindo assim para a construção da nossa personalidade. Esse tipo de atividade permite interagir com os alunos palavras, incorporadas no dicionário visual, que nos reflete imagens através da visão e expressa figuras concretas de algo ou alguém, como uma forma de transversalidade entre o ensino de Artes Visuais e Educação Patrimonial.

A atividade proposta contribui para que a língua deixe de ser um código secreto para que assim muitos possam ter acesso a esse dicionário visual ilustrado enriquecendo cada vez mais os nossos saberes, valorizando nossa cultura e disseminando-a.

Construir um dicionário visual com imagens e palavras é permitir aos alunos uma aprendizagem dinâmica relacionada às gírias da Tabatinga, como sendo um recurso que o professor utilizará para facilitar o ensino nos meios de comunicação.

CAPITULO 2 - O USO DA METODOLOGIA NA VARIAÇÃO DE SIGNIFICADOS DA PALAVRA CONJOLO.

A metodologia utilizada consistiu nas seguintes etapas:

*A apresentação da pesquisa bibliográfica com as imagens que referenciavam as palavras da Gíria da Tabatinga. A primeira referência bibliográfica apresentada foi o vocabulário 2 do Dicionário (CARDOZO,2009) com a palavra Conjolo já definida por mim.

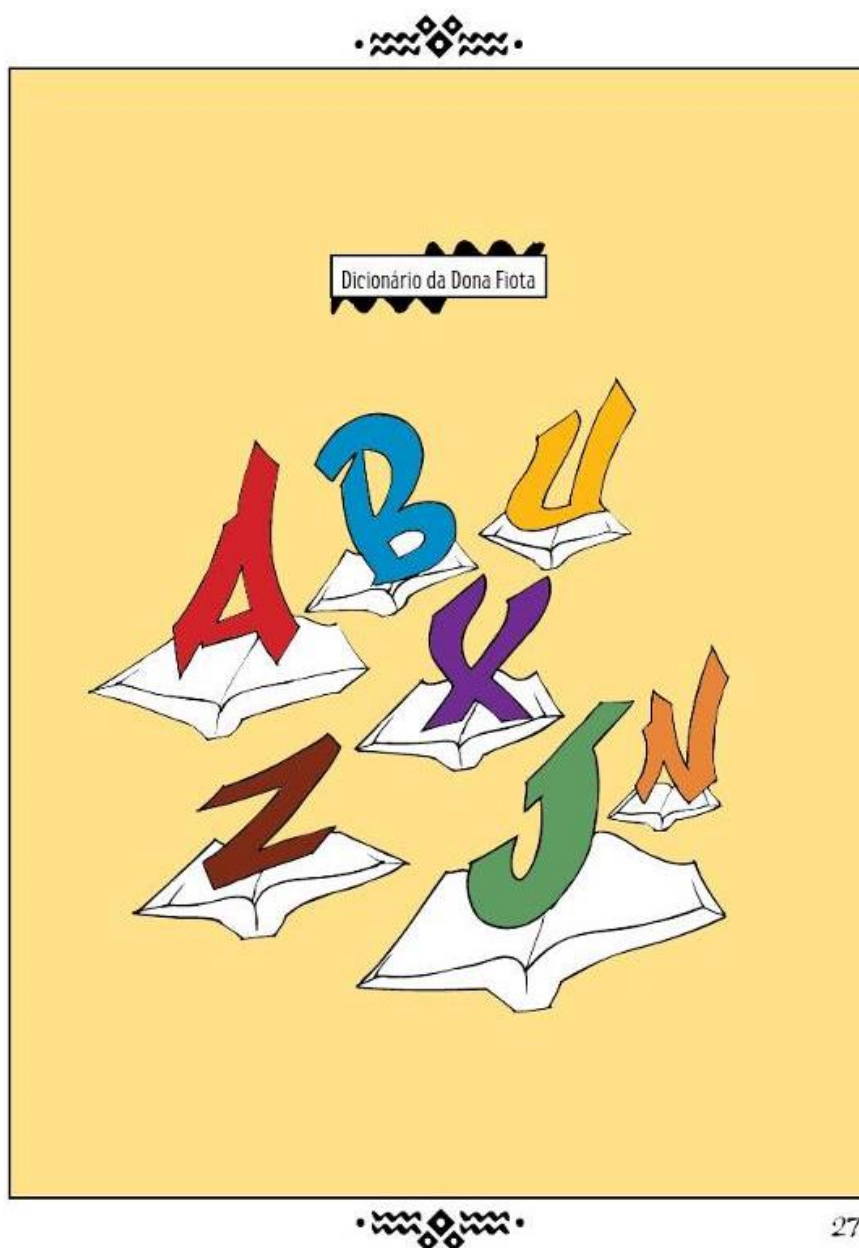




Figura 1: Vocabulário 1: (CARDOZO, 2009)



| | |
|---|--|
| A | |
| <i>Acacha</i> - pegar | <i>Carigueiro</i> - patrão |
| <i>Açango</i> - arroz | <i>Cafanhate</i> - dente |
| <i>Arufim</i> - peixe | <i>Chipango</i> - chapéu |
| <i>Arunanga</i> - roupas | <i>Conjô ou conjolo</i> - casa |
| <i>Arunanga Avura</i> - roupas ruins | <i>Conjô de cachã de pequera</i> - cama de dormir |
| <i>Arunanga Catita</i> - roupas coloridas | <i>Conjolo do Granjão</i> - Casa de Deus |
| <i>Atiapo</i> - pouco / difícil | <i>Coverã</i> - doença |
| <i>Avero</i> - leite | <i>Covera</i> - morrer |
| <i>Auique</i> - açúcar / doce | <i>Cuete</i> - homem |
| | <i>Cumbara</i> - cidade |
| B | <i>Cuçucara</i> - padre |
| <i>Beca</i> - calça | <i>Curimar</i> - trabalhar/ rezar/ dançar/ brincar |
| <i>Bugue</i> - milho | <i>Cumba</i> - sol / dia |
| | D |
| C | <i>Descamba</i> - terminar de modo contrário ao esperado |
| <i>Cacaio</i> - saco de viagem | |
| <i>Cachã</i> - pegar | E |
| <i>Cachã de cureio</i> - mesa | <i>Esquife</i> - dormir |
| <i>Camberera de gombê</i> - carne de boi | |
| <i>Camberera de canohora</i> - carne de galinha | F |
| <i>Camberera de cangura</i> - carne de porco | <i>Farófia</i> - farofa / farinha |
| <i>Camona</i> - mulher | <i>Fiate</i> - elegante / dengoso ou namorados |
| <i>Camoninho</i> - criança / menino | <i>Fuleiro</i> - ordinário / sem valor |
| <i>Catito (a)</i> - simples / pequeno | |
| <i>Cano de viriango</i> - macarrão | G |
| <i>Cajuvira</i> - café | <i>Gombê</i> - roça |
| <i>Cassucarã</i> - casar | <i>Goranjame</i> - porta |
| <i>Catatau</i> - pessoa pequena | |





| | |
|--|---|
| <i>Guarajame</i> - jardim | |
| <i>Guarajamo</i> - cemitério | |
| | I |
| <i>Imbanjo</i> - rua | |
| <i>Imbanjo-de-cotinhame</i> - mão | |
| <i>Imbanjeco</i> - berimbau | |
| <i>Imbuta</i> - cobra ou lingüiça | |
| <i>Inganga</i> - padre | |
| <i>Injirã</i> - liberdade / correr | |
| | M |
| <i>Macanja</i> - cigarro | |
| <i>Macanja de palha</i> - cigarro de palha | |
| <i>Matambu</i> - mandioca | |
| <i>Matuaba</i> - pinga / cachaça | |
| <i>Mungue</i> - sal | |
| <i>Muque</i> - revólver | |
| | O |
| <i>Ocaia</i> - mulher / esposa | |
| <i>Ocora</i> - idoso (a) / velho (a) | |
| <i>Omenha</i> - água | |
| <i>Omana</i> - irmão / irmã | |
| <i>Orangó</i> - cavalo | |
| <i>Orangó</i> - cabelo | |
| <i>Orelo de cangura</i> - gordura | |
| | P |
| <i>Pecine</i> - óculos | |
| | |
| <i>Pito congeme</i> - pessoa que morreu | |
| <i>Pó-de-matambu</i> - farinha de mandioca | |
| <i>Pó-de-bugue</i> - fubã | |
| | S |
| <i>Sararã</i> - mulato / arrumado / alourado | |
| <i>Saboro</i> - ovos | |
| <i>Serelepe</i> - esperto | |
| | T |
| <i>Tinhame</i> - pé | |
| <i>Tiploque</i> - sapato | |
| <i>Tipoque</i> - feijão | |
| <i>Tiporé</i> - laranja | |
| <i>Tipura</i> - olhos | |
| <i>Tipurã</i> - olhar | |
| <i>Tipurou</i> - levar | |
| <i>Tué</i> - cabeça | |
| | U |
| <i>Undara (o)</i> - luz / fogo | |
| <i>Urumo</i> - carro | |
| <i>Urunanga</i> - calça | |
| | V |
| <i>Viriango</i> - policia | |
| | X |
| <i>Ximpar</i> - beber / tomar um gole | |



Figura 3: Vocabulário 1B: (CARDOZO, 2009) CONTINUAÇÃO,

Em seguida foi apresentada a referencia bibliográfica do vocabulário 2.

Tipurari LÍNGUA DA TABATINGA

Acachar: Sinônimo de Cachar;
 Assangue: Arroz. Var. de Missango;
 Atchapo: Sin. Tchapo;
 Avura: Grande. Também usado para designar pessoa boa, coisa boa, bonita, ou coisa positiva de um modo geral (mais correto seria Opepa);
 Bélude: Dia (por oposição a noite, que é Oteque);
 Cachar: Pegar; trazer; cair (chuva); dar; entregar; tomar; roubar; beber; comer; etc.;
 Cachar o Cureio: Almoçar; jantar; ceiar;
 Cachar Cuxipa: Transar; fornicar; prostituir-se; rastar cuxipa;
 Cachar Janô: Sin. Cachar cuxipa, só que mais usado para a atitude passiva;
 Cafanhaque: Dente; mandíbula; queixada;
 Cafuvira: Preto; negro; escuro; crioulo;
 Cajuvera: Café;
 Camba: Ônibus;
 Camberela: Carne;
 Cambuá: Cachorro, cão;
 Camoná: Sin. Camoninho (mais usado);
 Camoninho: Criança; menino; garoto; guri (masc. ou fem.);
 Camoninho no Jequê: Grávida;
 Canambóia: Sin. Carambóia;
 Candambora: Sin. antigo Carambóia;
 Cangura: Porco; leitão; cachaço (masc. ou fem.);
 Cangura do Sengue: Bicho; animal selvagem;
 Carambóia: Galinha; frango (masc. ou fem.);
 Caranguela: Aparelho sexual feminino; vulva; vagina. Sin. Marcela;
 Cassucara: Casamento; matrimônio;
 Cassucarar: Casar-se; contrair matrimônio;
 Catita: Pequeno. Por ext.: feio; sem valor; inútil; fraco, etc.;
 Cavingueiro: [Fazendeiro?]
 Conema: Variação de conena;
 Conena: Cocô; fezes; esterco;
 Conjolo (ô): Casa; residência. Por ext.: prédio; repartição, etc.;
 Conjolo das Ocaias: Zona boêmia; cabaré; rendez-vous;
 Conjolo de Conena: Banheiro; instalações sanitárias; privada;
 Conjolo de Cuxipa: Sin. Conjolo das Ocaias; zona, motel;
 Conjolo do Granjão: Igreja;
 Conjolo dos Viriangos: Cadeia. Por ext.: bata-

lhão;
 Coreã: Chapéu; cobertura;
 Coreã de Gombê: Chifre;
 Cuete (ê): Homem; moço; rapaz; cara; sujeito. Por ext.: macho;
 Cuete-Ocaia: Homem homossexual; pederasta passivo; bicha; homem gay;
 Cumba: Luz; lâmpada;
 Cumba do Bélude: Sol;
 Cumba do Oteque: Lua;
 Cumbero: Cidade;
 Cumicove: Quitanda; salgado; tira-gosto;
 Cureio: Comida; almoço; janta; ceia;
 Curimba: Trabalho; ocupação; ofício;
 Curimbar: Trabalhar;
 Cuxipa: Pênis; órgão sexual masculino;
 Cuxipar: Sin. Rastar Cuxipa;
 Encachar: Sin. Cachar;
 Esquife: Cama; leito;
 Fute: Céu; firmamento; ar;
 Gombê: Gado; vaca; boi;
 Granjão: Deus; o Todo-Poderoso;
 Imbera: Chuva;
 Imbuete (ê): Pedaco de pau; cacete; porro; taco. Por ext.: pênis;
 Ingirar: Andar; fugir; correr; voar; sair; sumir; escafeder-se; jogar (pedra ou objeto); atirar, etc.;
 Ingira: Carona; transporte;
 Ingura: Dinheiro; numerário; riqueza;
 Ingura Avura: Rico; cheio da nota;
 Ingura Catita: Pobre; pobretão; sem dinheiro. Sin.: Tchapo;
 Janô: Ânus; cu; bunda;
 Jequê: Barriga; ventre; útero;
 Mantambu: Mandioca;
 Marcanjo: Cigarro; pito; fumo. Por ext.: Marcanjo Avura: maconha;
 Marcanjo Cafuvira: Fumo de rolo;
 Marcela: Sin. Caranguela;
 Matuaba: Bebida alcoólica; cachaça;
 Matuaba no Tué: Bêbado; borracho; bebum;
 Maverio: Teta, mama; peito de mulher; seio;
 Mingué: Gato; felino (masc. ou fem.);
 Missango: Arroz, Missangue;
 Ocaia: Mulher; moça; garota; fêmea etc.
 Ocaia que Rasta Cuxipa: Prostituta; piranha; galinha.
 Ocora: Homem velho; pai. Mulher velha; mãe.
 Omana: Irmão.

Omano: Irmão.
 Omenha: Água; água potável.
 Omenha de Cuxipa: Urina; xixi; mijo.
 Omenha do Fute: Sin. Imbera.
 Opepa: Bonito; bom. Pessoa loura;
 Orangê: Cabelo; cabelos;
 Orangê de Mastigo: Barba, cavanhaque;
 Orongó: Cavalos; égua;
 Oronha: Relógio;
 Oteque: (ê). Noite.
 Oveva: Torto; feio; atrapalhado; machucado.
 Percinê: Óculos.
 Pungue: [Milho]
 Rastar Cuxipa: Fornicar; transar; fazer amor.
 Rastar Tiprequê: Dormir; deitar-se.
 S
 Sengue: Roça; mato; mata.
 Tchapo: Esfarrapado; maltrapilho; roto; estragado; inutilizado etc. Sem dinheiro; pobre.
 Tibanga: Bobo; idiota; imbecil; otário; inepto; simplório; ingênuo; boçal; parvo etc.
 Tibanguara: Sin. Tibanga.
 Tinhamê: Coxa; coxa feminina. Por ext.: perna.
 Tiparo: Olho.
 Tiparo dos Imbondos: Rolo; quinquilharia; brincadeira; badulaque; coisa confusa e desconexa; gambiarra; objeto não identificado etc.
 Tiploque: Sapato; calçado de um modo geral.
 Tipoque: [Feijão?]
 Tiporê: Fruta.
 Tiporê de Uíque: Laranja; tangerina.
 Tiprequê: Ver: Rastar Tiprequê.
 Tipurar: Olhar; observar; ver etc.
 Tué: Cabeça; crânio; cérebro; inteligência etc.
 Turisco: Pedra; seixo; cascalho; rocha.
 Uíque: Doce; coisa doce; açúcar.
 Undaro: Fogo; fósforo; isqueiro etc.
 Uruma: Carro; veículo. Por ext.: máquina.
 Uruma de Equilíbrio: Moto; motocicleta; motoneta; lambreta; vespa.
 Uruma de Orongó: Carroça; charrete etc.
 Uruma de Pedal: Bicicleta.
 Uruma de Tempo: Sin. Oronha.
 Urunanga: Roupa; vestimenta; calça; camisa; vestuário.
 Viriango: Soldado; policial; polícia; meganha; samango etc.
 Vissongue: Dinheiro (pouco usado, antiquado). Sin. Ingura.
 Vissunga: [Festa?]

Bondês; Bederodes; BD; (Bom Despacho), 28 de maio de 1985.
 ANTÔNIO BENÍCIO DE CASTRO CABRAL beniciocabral@gmail.com
 IVÁ RODRIGUES DO COUTO (COMODORO) 01/03/96.

Figura 4: Vocabulário 2 (COUTO, 2011. p.110)

Finalizando em seguida apenas com alguns verbetes do Dicionário 3 :

CONJOLO [kõ'zolu], CONJOR [kõ'zox], CONJÔ [kõ'zo], CANJOLO [kã'zolu]. *S.m.* 1. Casa. *Mora longe daqui, no sengue. Então caxô conjolo no sengue.* Mora longe daqui, na roça. Então fez casa na roça. 2. Gaiola.

RAIMUNDO, 1933, p.56. *onjoango, onjo-ia-obango.* Habitação, casa de conversa, sala (banto).

DORNAS Fº, 1938, p.147. *injô, undió.* Habitação, casa (or. quimbunda).

MACHADO Fº, 1964, p.123. *onjô.* Habitação, casa, rancho, caçua.

VOGT, GNEBE, 1978, p.13. *injô.* Habitação.

CONJOLO DE CAMBERELA [kõ'zolu dʒi kãb'e'relã]. Açugue (*lit.* casa de carne).

CONJOLO DE CONJEMA [kõ'zolu dʒi kõ'zẽmã]. Cemitério (*lit.* casa de morte).

CONJOLO DOS FITÁ CONJEMA [kõ'zolu duz f'itã kõ'zẽmã]. Cemitério (*lit.* casa dos fitar morte).

CONJOLO DE COVERA [kõ'zolu dʒi ko'verã]. Hospital (*lit.* casa de doença).

CONJOLO DOS CUETE OCORA [kõ'zolu dus 'kwetʃi o'korã]. Asilo (*lit.* casa dos homens velhos).

CONJOLO DE CURIMBA [kõ'zolu dʒi ku'ribã]. Local de trabalho (*lit.* casa de trabalho).

CONJOLO DOS GOMBÊ [kõ'zolu duz gõ'bel]. Curral (*lit.* casa dos bois).

CONJOLO DE GRANJÃO [kõ'zolu dʒi grã'zãõ]. Igreja (*lit.* casa de Deus).

CONJOLO DE GROZOPE [kõ'zolu dʒi gro'zõpẽ]. Bar (*lit.* casa de cerveja).

CONJOLO DAS INGURA [kõ'zolu daz 'ɣurã]. Banco (*lit.* casa dos dinheiros).

CONJOLO DE INGURA AVURA [kõ'zolu dʒi 'ɣurã a'vurã]. Banco (*lit.* casa de dinheiro muito).

CONJOLO DE MATUABA [kõ'zolu dʒi matu'abã]. Bar (*lit.* casa de cachaça).

CONJOLO DAS OCAIA [kõ'zolu daz o'kãjã]. Bordel (*lit.* casa das mulheres).

CONJOLO DE OCAIA DO CUXIPO [kõ'zolu dʒi o'kãjã du ku'ʃipõ]. Bordel (*lit.* casa de mulher da boceta).

CONJOLO DE OMENHA [kõ'zolu dʒi õ'mẽnã]. Sanitário (*lit.* casa de água).

CONJOLO DE CAXÁ OMENHA [kõ'zolu dʒi ka'ʃã õ'mẽnã]. Sanitário (*lit.* casa de verter água).

CONJOLO DE FAZÊ OMENHA [kõ'zolu dʒi fa'zẽ õ'mẽnã]. Sanitário (*lit.* casa de fazer água).

CONJOLO DE ORUM [kõ'zolu dʒi o'rũ]. Posto de gasolina (*lit.* casa de carro).

CONJOLO DO TIPEQUÊRA ETERNO [kõ'zolu du tʃipẽ'kwẽrã e'tẽʒnu]. Cemitério (*lit.* casa da cama eterna).

CONJOLO DO UNDARA [kõ'zolu du ã'darã]. Usina siderúrgica (*lit.* casa do fogo).

CONJOLO DE URUNANGA [kõ'zolu dʒi urũ'nãgã]. Loja de roupas (*lit.* casa de roupa).

CONJOLO DOS VIRIANGO [kõ'zolu duz viri'ãgõ]. Cadeia (*lit.* casa dos soldados).

CONJOLO DO LONGADO [kõ'zolu du lõ'gãdu]. Clube, casa de dança (*lit.* casa do rebolado).

CONJOLO DE RASTÁ LONGADO [kõ'zõlu dʒi ʒas'ta lõ'gadu]. Clube, casa de dança (*lit.* casa de arrastar rebolado).

CONJOLO DOS PÉ JUNTO [kõ'zõlu dus 'pẽ ʒũtu]. Cemitério (*lit.* casa dos pés juntos).

CONJOLOZIM [kõ'zõlu'zĩ]. *S.m.* Casinha. *Nois injira prum conjozolim acatita no sengue, né?* Nós vai pruma casinha pequena pra roça, né?

COREÃ [kõrẽ'ã]. *S.m.* Chapéu. *O que que fica por baxo do coreã? Ah, o oranjẽ, tuẽ.* O que que fica por baxo do chapéu? Ah, o cabelo, a cabeça.

COVERA [kõ'verã], CORVERA [kõʒ'verã]. *S.f.* Doença. *O meu (erpido) num tem covera não.* O meu (pênis) num tem doença não.

LANG, 1906, p.106. *ouvera.* Doença (nhaneça).

DORNAS Fº, 1938, p.146. *cuvera.* Dor (or. quimbunda).

MACIADO Fº, 1964, p.120. *caxicovera.* Doença, moléstia.

CAXÁ COVERA [ka'ʒa kõ'verã]. Adoecer (*lit.* pegar doença).

CUETE ['kwetʃi], [ku'etʃi]. *S.m. ou f.* 1. Homem. *O cuete é tibanga.* O cara é bobo. 2. Pai. 3. Mulher. *O cuete injirõ pro otro cumbara, dexõ a cuete, os camonim da cuete ficõ tudo catito, sem urunanga, sem cureiõ.* O cara mudõ pra otra cidade, dexõ a mulhẽ, os menino da mulhẽ ficõ tudo pequeno, sem ropa, sem comida. 4. Gente. *Ê, até a ingura dele onte ficõ meia memo reduzida, porque ficõ muita cuete sem caxá ingura.*

RAIMUNDO, 1933, p.56. *ukueto.* Meu ou nosso companheiro (banto).

DORNAS Fº, 1938, p.148. *ocuêto.* Homem (or. quimbunda).

MACIADO Fº, 1964, p.125. *ucuêto, vacuêto, acuêto.* Companheiro.

CUETE AVURA ['kwetʃi a'vurã]. Patrão, homem rico (*lit.* homem grande).

CUETE OCORA ['kwetʃi õ'kõrã]. Pai (*lit.* homem velho).

CUETE DE CONJOLO DE GRANJÃO ['kwetʃi dʒi kõ'zõlu dʒi grã'ʒãw]. Padre (*lit.* homem de casa de Deus).

CUETE DE CURIMBA ['kwetʃi dʒi ku'ribã]. Trabalhador (*lit.* homem de trabalho).

CUETE DA OCAIA ['kwetʃi da õ'kajã]. Marido (*lit.* homem da mulher).

CUETE DO MEU CONJOLO ['kwetʃi du 'mew kõ'zõlu]. Pai (*lit.* homem da minha casa).

CUETE MEU TATA ['kwetʃi 'mew 'tatã]. Pai (*lit.* homem meu genitor).

CUETE SEM CUETE ['kwetʃi 'sẽ] 'kwetʃi]. Mulher solteira (*lit.* mulher sem homem).

CUETIM [kwe'tʃi]. *S.m.* 1. Menininho. 2. Filhinho. 3. Rapazinho.

CUEITICO [kwe'tʃiku]. *S.m.* 1. Menininho. 2. Filhinho. 3. Rapazinho.

Figura 6: Vocabulário 3A - (QUEIROZ, 1998. P.119) - CONTINUAÇÃO.



Figura 7: Vocabulário 2 : (COUTO, 2011) APRESENTAÇÃO DOS VERBERTES

A realização da grafia das palavras e seus devidos significados de acordo com a linguagem.

Desta forma os alunos foram levados a analisar os significados das imagens e a realizarem a atividade de artes visuais da maneira como elas se inserem na cultura local presentes em seu cotidiano.

Quando falamos em leitura, logo pensamos em letras, e associamos o código da escrita a livros, revistas, jornais ou em um amontoado de palavras num texto estruturado com significado, e quando pensamos em imagens associamos ilustrações de gravuras, desenhos, pinturas e formas, pois tais elementos visuais estão carregados de informações sobre nossa cultura e o mundo em que vivemos. Dessa maneira assim como o texto a imagem também pode ser lida e assimilada. De acordo com (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.108) “a vida oferece uma multiplicidade de momentos, espaços, situações e inter-relações, dos quais resultam efeitos de formação e aprendizagens”. Então o uso das imagens dos marcos urbano os alunos além de identificar as semelhanças e diferenças de acordo com o espaço social e sua contextualização, permitiu uma aprendizagem significativa.

É necessário que os professores, para realizarem um trabalho com as crianças, além de serem habilitados, desenvolvam competências para ensinar e

aprender dentro do contexto educacional, levando em conta o caráter fortemente visual da experiência de aprendizagem dos alunos.

Houve um questionamento sobre outras palavras que não faziam parte do dialeto, como por exemplo, uma aluna veio a dizer que no vocabulário não havia a palavra “Matula”, que significa marmita, o que contribuiu para o crescimento do dicionário visual.

Em seguida foi proposto que cada aluno tivesse um olhar próprio para retratar a palavra Conjolo através do contato visual das fotos, gravuras e da explicação sobre cada palavra por mim, e então, foi possível contar a estória através das imagens apresentadas e do desenho produzido com uso de lápis sobre o papel com traçados e formas criando contorno para a figura presente expressando como foi representado o espaço urbano de Bom Despacho, em seguida com técnicas que foram concretizadas com práticas da pintura, as crianças passaram a ampliar o conhecimento e aprendizagem em Artes visuais, exteriorizando movimentos com pincéis e tintas e a escolhas, pois, essa linguagem em questão ainda esta viva e em uso.

PLANO DE AULA

O público alvo das atividades discutidas nesta monografia foram alunos do Ensino Fundamental, do terceiro e quarto ano com idade entre 08 e 10 anos. Esses alunos frequentam um projeto de habilidades de estudo (PHE), num contra turno escolar no SESC, unidade de Bom Despacho. Para a execução deste projeto utilizamos o Livro Pé Preto no Barro Branco de Sônia Queiroz (Queiroz, 1998); a Revista Tipura Aí (Couto, 2011); cartilhas da Fundação Guimarães Rosa (Cardozo, 2009) e fotografias dos principais pontos da cidade, todos selecionados por mim durante a pesquisa.

No primeiro momento no turno da manhã, de 10h00min as 11h00min, houve a realização de uma sondagem sobre o possível conhecimento dos alunos sobre as palavras que compõem o Dicionário da Língua da Tabatinga existente na cidade de Bom Despacho e o seu respectivo uso. Foram utilizados alguns verbetes por ordem alfabética de três dicionários, dando ênfase a palavra definida em sua forma

composta. Foram desprezadas aquelas que não eram indicadas para a faixa etária dos alunos como, por exemplo: conjolo das ocaias de cuxipa (significado de Bordel), e outras que necessitavam de mais tempo para serem produzidas.

Os Conjolo que foram retratados são estes descritos abaixo:

Conjolo – casa no sentido de lar, residência, prédio, repartição;
Conjolo Camunim – pousada, hospedagem;
Conjolo das Artes_ artesanatos, pinturas, trabalhos manuais;
Conjolo Bom Despacho – Cidade de Bom Despacho, Igreja da Matriz;
Conjolo Cambuá – animais, clínica veterinária;
Conjolo Conf-Conf – padaria, pães no geral;
Conjolo de conema _ banheiro, instalações sanitárias;
Conjolo de Cuxipa – motel;
Conjolo de Granjão – casa de Deus, Igreja, capela Cruz do Monte;
Conjolo de Gombê – curral;
Conjolo de Maverá- leite, laticínios em geral;
Conjolo de matuaba – bar para tomar, cerveja, vinho, pinga refrigerante;
Conjolo de Viriango- cadeia, Vila Militar, Batalhão de polícia, soldados;
Conjolo de longado_ casa de dança;
Conjolo de Ingura – casa de dinheiro – setor bancário;
Conjolo dos Tiproque – casa dos Sapatos-Loja de Calçados;
Conjolo de Matula – Marmita (caldeirão) comida carregada dos trabalhadores de roça, os “bóias frias”.

Iniciando a oficina foram distribuídos pedaços de cartolinas 20x30, lápis, régua e borrachas para que cada dupla de crianças desenhasse a silhueta do que representa a palavra composta “Conjolo”. Em seguida foram disponibilizadas, varias cores de tintas com pincéis para estas dessem inicio a atividade de pintura. A pintura foi utilizada como forma de comunicação e expressão através do desenho pelas crianças do dialeto da língua africana, retratando palavras da atualidade do pequeno vocabulário da língua da Tabatinga da cidade de Bom Despacho. Após a associação da palavra escrita e a imagem foi proposto o desenho em dupla ou individual utilizando a pratica de ensinar e aprender artes.

Vivemos cercados de imagens carregadas de significados, assim, devemos aprender a ver com a mesma intensidade que aprendemos a ler para assimilar e interpretar os símbolos e os signos. Exemplos dos marcos urbanos carregados de imagens e significados.

“Diante deste mundo, repleto por imagens pictóricas, a leitura também envolve ler imagens. Salienta que leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo. Portanto, precisamente aprender a ler imagens. Pois assim como se aprende a ler, deve-se aprender a ver, sendo necessário entender, interpretar e operar com os códigos visuais”. (FREIRE, 2001.p.48)

No segundo momento no período da tarde, horário de 13h00min as 15h00min houve a realização de uma oficina de desenhos sobre o “Conjolo” e suas variações, com cartolina, lápis, borracha, e em sequência utilizamos jornais para proteger as mesas e tinta guache de varias cores e pinceis que serviram para a construção de novas imagens e a contextualização da palavra Conjolo. A proposta não foi uma aula de desenho e pintura livre, mas sim uma aula direcionada para que cada aluno a partir do acesso a essa gíria produzisse o “Conjolo” existente, aprimorando suas técnicas e finalizando com cores que resultassem na produção concreta da mensagem e da sua importância social.

“Segundo (BARBOSA, 1994.p.41) o ensino da Arte deve seguir o que ela chama de Metodologia Triangular que é composta pela História da Arte, pela leitura da obra de arte e pelo fazer artístico, ou seja, a pessoa que aprende Arte deve saber, não apenas fazer algo, mas, também saber de onde veio aquilo que ela está fazendo, o que levou aquelas pessoas a fazerem aquela obra, para assim, fazerem à leitura da obra, podendo perceber a mensagem o que o artista quis passar através da sua obra. Além disso, ao criarem suas obras artísticas, poderão criar algo que transmita uma mensagem, dando sentido à Arte. Isso não significa que a técnica deva ser deixada de lado, é importante que o aprendiz venha a conhecê-las para aprimorar cada dia mais o seu trabalho, mas, a técnica sozinha, não dá sentido à obra”.

A produção artística referenciou uma palavra especifica no sentido de lar, mas isso não significa que o ensino de desenho e pintura despreze a metodologia completa e comprometa a estrutura de comunicação das imagens visuais.

As produções artísticas dos alunos referenciando a palavra “Conjolo” no sentido de lar serão apresentadas em sequência:



Figura 8: Alunos do 3º e 4º ano do ensino fundamental recebendo a explicação sobre palavras da gíria da Tabatinga e sua importância para a cultura local. Fonte: do autor.



Figura 9: Alunos do 3º e 4º ano dando início as atividades de desenho. Fonte: do autor.



Figura 10: Alunas do 3º ano já desenvolvendo atividade de pintura. Fonte: do autor.

Nós educadores temos a função defender a educação do olhar, a importância da arte na construção e reconstrução do conhecimento. As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento.

CAPITULO 3- OS MARCOS URBANO E AS REPRODUÇÕES DOS ALUNOS NO ENSINO DE DESENHO E PINTURA

A proposta foi à reprodução dos alunos a partir das imagens visuais estruturadas sobre a palavra Conjolos e sua decodificação com um olhar mais atento sobre as informações que representam a imagem da realidade que às vezes passa despercebida por não compreendermos; surgindo assim a necessidade de práticas pedagógicas no ensino de Artes Visuais sobre assimilação das imagens.

Os produtos de ensinar artes visuais como o desenho e a pintura, resultaram em uma intervenção que além de permitir aos alunos conhecimento de palavras do vocabulário africano, ainda despertou a sensibilidade reflexiva e de ação que foram retratadas de acordo com suas potencialidades, pois, a arte pode ser vista como uma forma de cultura com concepções de vivências, ampliando a visão do mundo. O aluno precisa viver a capacidade de pensar, refletir, criticar, deverá ser o objeto e sujeito da história, construir a si próprio por meio da sua capacidade de ler e interpretar.

Palavras ilustradas conforme o Dicionário (QUEIROZ, 1998) figuras 1 a 29 conforme abaixo relacionadas em ordem numérica, referindo aos marcos urbano de uso local:

Conjolo das Artes – local onde encontramos diversos itens de artesanato



Figura 11- Imagem da fachada loja Conjolo das Artes

Conjolo Bom Despacho- Cidade de Bom Despacho. A Igreja da Matriz representa a principal figura da Cidade, com praça, prédios e principais comércios de lojas e redes bancárias.



Figura 12- Reprodução dos alunos Conjolo das Artes



Figura 13 – Reprodução dos alunos Conjolo de Granjão

Conjolo Cambuá- Clinica veterinária, animais no geral. Houve uma boa aceitação: mais de uma dupla desenhou e pintou esse termo.



Figura 14- Reprodução dos alunos ConjoloCambuá



Figura 15-Reprodução dos alunos Conjolo Cambuá



Figura 16 – Conjolo Cambuá. Foto: Dênio

Conjolo Camunim – Pousada; Hotel



Figura 17- imagem Conjolo Camunim



Figura 18- Reprodução dos alunos Conjolo Camunim

Conjolo Conf-conf-padaria : Pães, bolos, biscoitos



Figura 19 – Conjolo Conf- Conf. Foto: Dênio)



Figura 20 – Reprodução dos alunos Conjolo Conf-Conf

Conjolo de Camberela – carnes, açougue.



Figura 21– Reprodução dos alunos Conjolo Gamberela



Figura 22– Reprodução dos alunos Conjolo Gamberela

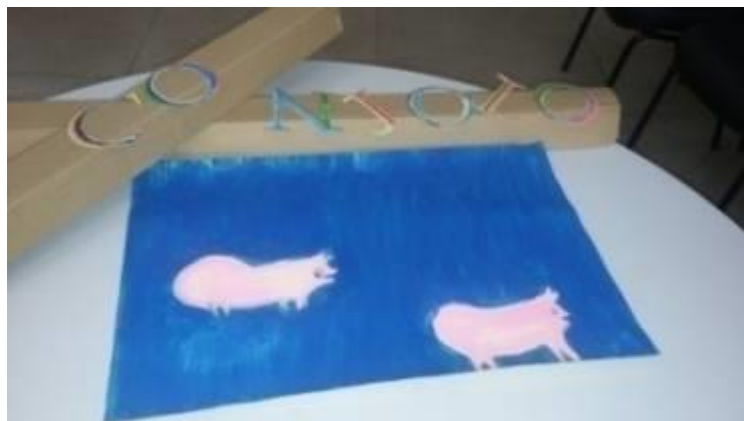


Figura 23– Reprodução dos alunos Conjolo Gamberela

Conjolo de Granjão- Deus – referência a Igrejinha Cruz do Monte no Bairro Tabatinga



Figura 24– Reprodução dos alunos Conjolo de Granjão



Figura 25– Reprodução dos alunos Conjolo de Granjão



Figura 26- Igreja Cruz do Monte. Foto: Dênio

Conjolo de Matuaba – Cachaça – referindo-se aos bares



Figura 27– Reprodução dos alunos Conjolo Matuaba



Figura 28– Reprodução dos alunos Conjolo Matuaba

Conjolo de Matula-Marmita; caldeirão de comida



Figura 29– Reprodução dos alunos Conjolo Matula
Conjolo do Tiproque – Calçados



Figura 30– Reprodução dos alunos ConjoloTiproque
Conjolo Mavero– Leite e seus derivados



Figura 31 – Imagem produtos do Conjolo Mavero



Figura 32– Reprodução dos alunos Conjolo Mavero



Figura 33– Reprodução dos alunos Conjolo Mavero

Conjolo Urunanga – Roupas-vestimenta



Figura 34– Reprodução dos alunos Conjolo Urunanga

Conjolo dos viriangos – Batalhão de policia- soldados



Figura 35 – 7º Batalhão de Polícia Militar. Foto: Dênio



Figura 36– Reprodução dos alunos Conjolo Viriango

O desenho e a pintura foram utilizados como ferramentas no ensino de artes visuais como forma de melhor ilustrar a palavra Conjolo em destaque com traços e cores que representam e compõem o Dicionário Ilustrado da Gíria da Tabatinga. Os alunos desenvolveram praticas artísticas como momento prazeroso de forma lúdica com uso de pincel, tinta de acordo com o tema proposto.

Para o professor é o momento ideal para colocar em prática o seu conhecimento por meio de métodos, técnicas, ensinando e aprendendo, usando estratégias que despertem na criança desejos de novas buscas e caminhos, com possibilidades de novos saberes.

Avaliar faz parte de toda atividade proposta e nossa referencia foi ilustrar com o ensino de desenho e pintura. Permitiu aos alunos conhecer e refletir expressar suas habilidades artísticas de diversas formas no processo criativo e construtivo sobre a palavra Conjolo e a reconhecer dos marcos urbano e sua relação com a dialetologia da Tabatinga.

Quando oportunizamos o educando praticas artísticas de desenho e pintura associadas ao verbete com as imagens visuais nos suportes fotografias, revistas, e cartilhas ele assimila o verbete com as imagens e consequentemente motiva atividades de modo efetivo e prazeroso. As potencialidades dos alunos foram satisfatórias de acordo com os resultados obtidos de conhecer, fazer e expressar a representação do verbete e sua contextualização na cultura local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Estudo de um Termo da Gíria da Tabatinga* possibilitou através de práticas pedagógicas ensinarem aos alunos do 3º e 4º ano Artes Visuais com práticas artísticas de desenho e pintura. A intervenção permitiu aos alunos conhecimento de alguns verbetes do vocabulário africano.

A arte pode ser vista como uma forma de cultura com concepções de vivências, ampliando a visão do mundo. O aluno precisa viver a capacidade de pensar, refletir, criticar, deverá ser o objeto e sujeito da história, construir a si próprio por meio da sua capacidade de ler e interpretar.

O Estudo de um Termo da Gíria da Tabatinga permitiu aos alunos desenvolver práticas artísticas de desenho e pintura e aprender significados da palavra “Conjolo” com leituras de imagens no sentido de casa e lar. Todo esse processo de aprendizagem das imagens dos marcos urbano antes desconhecido proporcionou novas formas de comunicação.

Se antes as palavras que compõem o dicionário da tabatinga eram utilizadas como um código secreto de comunicação para defesa contra os maus tratos dos patrões ou fazendeiros, que desconheciam esses vocábulos considerados termos secretos, hoje através do Ensino de Arte Visual é possível estimular os educandos a aprender o maior número possível de termos que compõem a Gíria para que os mesmos possam transmiti-las livremente para as gerações futuras de forma lúdica e prazerosa.

Considerando um processo de ensino e aprendizagem em que alunos e o professor interagiram no contexto atual. Construíram através de um verbete um produto acerca do tema abordado Conjolo. Foi possível ao professor de Arte um

trabalho vinculado à Abordagem Triangular (BARBOSA, 1978), usando de forma interdisciplinar o desenho e a pintura.

O ensino de Artes Visuais deve ser compreendido como uma forma de trabalhar com o indivíduo a interpretação do mundo de acordo com a linguagem não verbal, ou seja, a linguagem das imagens.

O dicionário em anexo da pesquisadora Sônia (QUEIROZ, 1998) é muito amplo, então se o professor trabalhar mais de uma palavra terá maior nível de ampliação da linguagem, essa é a sugestão para trabalhar futuras práticas artísticas sobre as palavras que compõem a Gíria da Tabatinga no âmbito Ensino de Arte Visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Felipe Cunha. Programa Viação Cipó Bom Despacho Bloco 03. **TV Alterosa**. Belo Horizonte, 24 de maio 2015. Programa de TV

AZEVEDO, Felipe Cunha; Nakamura, Tania. Gíria da Tabatinga. Bom Despacho, 10 de set. 2014. Entrevista concedida a Mendonça, Diná Maria.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **A Imagem no Ensino de Arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **Metodologias do Ensino de Artes Visuais**. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008.

CARDOZO, Kelly; GONTIJO, Rosângela. **Contando Saberes: Histórias da Dona Fiota: Beabá da Dona Fiota** Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2009v. 4 p 27-29. , il. Color.

CARNEIRO, Antônio. **O Desenho projecto da pessoa**, in Os Desenhos do Desenho, na Novas Perspectivas sobre Ensino Artístico. Porto: Instituto das Artes, 2001.

COUTO, Ivã Rodrigues do. TipuraAí: língua da Tabatinga. **TipuraAí**, Centro Oeste Ano I n. 1, p. 110., il.color .jul/ago/set. 2011

DANTE, Liliene. Bom Despacho Dona Fiotinha e a Lingua da Tabatinga Cabana de Mamãe Oxum. **TV Integração**. Divinópolis, 19 de Abr. 2011. Programa de TV.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do individuo-projeto**. São Paulo: Paulus, 2008.

Dicionário Visuo. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/visual>> Acesso em: 23 de novembro de 2015.

FERREIRA, Sueli (org). **O ensino das artes: construindo caminhos**. São Paulo: Papirus, 2001.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estud. Av.**v.15, n.42. São Paulo, 2001. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 20 abr. 2015.

PERREIRA, Katia Helena. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

PETTER, Margarida.M.T. **África**: línguas especiais, línguas secretas: na África e no Brasil. São Paulo: Humanitas, 1998.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (org.). **Som, gesto, forma e cor: dimensões da Arte e seu ensino**. Belo Horizonte: Carte, 1995.

QUEIROZ, Sônia. **Pé Preto no Barro Branco**: a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

TOSTA. Sandra de Fatima Pereira. **Mídia & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 - Entrevista.....41

APÊNDICE

ENTREVISTA

Data: 10 de Setembro de 2014

Local: Secretaria de Educação e Cultura de Bom Despacho MG

Hora: 14:00 as 15:00

Entrevistados: Felipe Cunha Azevedo e Tânia Nakamura, pesquisadores da Secretaria de Cultura de Bom Despacho que conheceram Dona Fiota e também conhece a Gíria da Tabatinga Bairro local da cidade.

Boa tarde Felipe e Tânia estou buscando informações sobre a Gíria da Tabatinga e de Maria Joaquina da Silva (05/03/1928 - 02/02/2012) a Dona Fiota.

Tânia Nakamura: A língua do Negro da Costa era falada nas antigas senzalas e com ela os escravos podiam se comunicar livremente. Dona Fiota contava assim e que ela tinha aprendido essa língua com a senhora sua mãe, e que muita dessa sabedoria ainda não esta escrita, por a sua transmissão é praticamente pela oralidade.

Felipe: o fato de a cidade possuir em sua história a formação de um dialeto conhecido como Gíria da Tabatinga ou Língua do Negro da Costa surge junto às origens quilombolas da cidade devido à necessidade de comunicação entre escravos que, vindo de pontos diferentes da África, uniram elementos de suas línguas criando um dialeto próprio, com a língua oral, após diversos anos e interferências, a Gíria da Tabatinga foi se perdendo entre os moradores da antiga região quilombola, hoje Bairro Ana Rosa. Considerada como a última pessoa falante do dialeto, a senhora Maria Joaquina da Silva, conhecida Dona Fiota, ocupou-se de preservá-lo até os últimos anos de sua vida, contribuindo com pesquisas e projetos nas áreas de educação, linguística e história.

APÊNDICE 01 - Entrevista. (DINÁ, 2014).